

**O PENSAMENTO DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA, NA MESA REDONDA DOS PRODUTORES E EXPORTADORES DE CAFÉ REALIZADA EM NOVEMBRO DE 1950 NO RIO DE JANEIRO, ATRAVÉS DA PALAVRA AUTORIZADA DE SEU PRESIDENTE, DR. FRANCISCO MALTA CARDOZO**

Tem a palavra o dr. Malta Cardozo.

O SR. MALTA CARDOZO — Sr. Presidente, já se passou o tempo em que se considerava o ponto de vista da lavoura diferente e até certo ponto antagonístico àquê do comércio.

A verdade é que nós todos trabalhamos na mesma atividade. Apenas são produtores, cuidam de tirar a mercadoria da terra e outros a entregam ao consumo, através do fenômeno da distribuição, que nós chamamos de comercialização dos produtos rurais.

Os interesses, portanto, são recíproca constante e, vamos dizer, solidária. Nós nada podemos fazer sem o comércio, que se especializa na colocação dos produtos do nosso trabalho e o comércio desapareceria antes de nós, se fôssemos condenados.

E' por isso que sempre digo que aquilo de que precisamos no Brasil é de uma verdadeira política ruralista, no sentido de que essa política se transforme numa consciência nacional de que ela representa de fundamental, para a economia de todos e para o bem estar coletivo.

Não vou ao ponto de achar que, em matéria de café, não tenhamos tido uma política. Pelo contrário: consciente ou inconscientemente, certa ou erradamente, há cem anos o país tem exclusivamente uma política cafeeira, porque vive, de fato, em torno e à custa da economia do café. E' só se compulsarem as estatísticas, é só se verificarem os depoimentos dos grandes homens e eu lembraria Timandoro (Torres Homem) que escreveu: ao tempo da guerra do Paraguai já o Brasil vivia pisando em cima do lavrador de café.

A situação não mudou absolutamente nada. Apenas estamos um bocadinho mais esclarecidos, o suficiente, pelos menos, para podermos pugnar por nossos direitos, deixando aquela faze em que parecia até humilhante ser produtor de café. Hoje, produzir café é fazer um negócio como outro qualquer, é agir como uma manufatura qualquer, é ter uma verdadeira indústria rural, é aplicar o capital e o trabalho, é, enfim, correr o risco de uma transação, risco que vai além da pessoa do fazendeiro, porque quase sempre envolve a própria felicidade da sua família. E'

portanto, uma atividade, a do fazendeiro de café, que abrange milhares de pessoas, centenas de milhares de pessoas, senão milhões, uma atividade digna do maior respeito, porque ela traduz a própria estabilidade da pátria.

Entretanto, nem sempre se considera isso com a devida justiça.

Neste momento, por exemplo, assistimos a uma campanha descrida entre alguns de nossos consumidores — e não todos — alarmando-se com a montanha de café que representa a nossa produção e a montanha maior que representa o preço do produto.

Pura fantasia.

A realidade é que nunca a produção foi tão pequena e, por isso mesmo, nunca foi tão cara como agora. E esses nossos freguezes e amigos se esquecem de que, ao tempo em que eu, sem os meus cabelos brancos, era estudante em São Paulo, uma xícara de café nos custava, no Café Triângulo e nos "quatro cantos", um tostão; um terno de roupa custava oitenta mil réis; um chapéu, dez. Recordo-me de um presente de minha avó quando entrei para a Academia, de um belíssimo terno, confeccionado por um grande alfaiate, lorrado de seda, que custou cento e vinte mil réis. Um automóvel Ford se vendia naquele tempo — e recordo o Ford para servir de comparação — numa casa em frente à Faculdade de Direito, por três contos de réis. Era o famoso Ford de bigode, que foi, talvez, o melhor auxiliar dos nossos trabalhos daquela época.

Ora, meus Senhores, atravessamos quarenta anos depois disso. Agora que vemos? Um terno de roupa, custar Cr\$ 3.000,00; o automóvel Ford ficar teoricamente em Cr\$ 65.000,00, mas na prática em Cr\$ 180.000,00 e assim por diante.

Somos fazendeiros e não milagreiros. Não podemos produzir nosso cafézinho por um tostão, duzentos réis ou mesmo quinhentos réis, porque nos custa muito mais. Pediria aos senhores que tivessem o trabalho de ler pequeno artigo, publicado hoje no "Estado de São Paulo", com absoluta insuspeição, porque apenas um relatório de viagem, em que o sr. Rui Muller de Paiva dá seu depoimento do que viu em Angola, reconhecendo que a produção de café

**SACOS PARA COLHEITA DE CAFÉ OURO VERDE**

★ OS MELHORES ★ PELOS MENORES PREÇOS

Fabricantes de:

SACOS PARA AÇUCAR,  
LINONS,

BRINS,  
LOUISINES,

ZEPHIRES,  
ALGODÕES.

**Cia. Fiação e Tecidos São Bento**

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua Senador Feijó, 176 — 7º andar — Caixa Postal, 337 — Telefone: 2-1450  
SAO PAULO

Fábrica em Jundiá